

## 2.4. DO AZINHOSO AO SENDIM DA RIBEIRA

### 2.4.1. AZINHOSO

Da Proto-História são variados os vestígios de povoados “castros” e que acompanham as linhas de água, sempre lugares de difícil acesso e de fácil defesa natural. Terá sido a tribo dos Zoelas, do povo astur-augustano a responsável pelos povoados fortificados que encontramos. O Azinhoso é das poucas localidades do Distrito onde se pode encontrar um museu de Arte Sacra (a capela da Misericórdia, guarda tesouros religiosos dos sécs. XVI, XVII, XVIII. O maior é a custódia oferecida por D. Manuel I, e um cálice do séc. XVI em prata dourada. Destacam-se missais antigos, frescos, estátuas e paramentos (séc. XVIII).

Visite a Capela da Sra. da Saúde; a Ponte romana de Penas Roias; o "Castro dos mouros"; Moinhos de Bastelos. As festas da freguesia: Sra. do Carrasco (1º domingo de maio); Sra. de Fátima (2º domingo de maio); Sta Bárbara (2º domingo de agosto); Festa de Sampaio (agosto), Sra. da Natividade (8 de setº). O solstício de dezembro é festejado como nos tempos pagãos. O S. Martinho e o Entrudo, foram definidos pelo Abade de Baçal como “bacanaís, o S. Martinho não passa do velho magusto e da bebedeira, o Carnaval com formas e ritos de antanho, misto de religião com bruxaria, não sabendo onde acaba uma e começa outra, promessas aos santos, tipo de religião contratual romana.”). No Azinhoso há o pelourinho do séc. XIV (três degraus quadrangulares, fuste redondo 4,30 m, escadório em pirâmide quadrangular, e o capitel com cruz grega em pedra.), que representa o poder jurisdicional concedido pelo rei D. João I, Foral de 1386. Azinhoso teve foral novo de D. Manuel I em 1520.



igreja matriz do Azinhoso

1957-1982

Na porta lateral esquerda da Igreja do Azinhoso há uma decoração visigótica (parras e uvas). A 25 maio 1297, El-Rei D. Diniz com a Rainha Santa Isabel e infantes D. Afonso e D. Constança, fazem em Coimbra, Carta de doação “aos Templários do padroado das igrejas de S. Mamede de Mogadouro e de Santa Maria de Pena-Royas” com todas as capelas e ermidas, direitos e pertenças. No ano de 1301, era conhecido por Santuário do Azinhoso. O nome deriva das azinheiras (Azinhoso nas Inquirições de 1258), localmente conhecidas por carrascos. A igreja matriz do séc. XII, em estilo românico, tem imagem de Santa Maria do Azinhoso, escultura medieval do séc. XIV, perante a qual D. Nuno Álvares Pereira pediu proteção para a guerra de 1386 contra os castelhanos. Teve Misericórdia e hospital, em 1647. Azinhoso era terra de judeus, no caminho medieval para Penas Roias, existe um local chamado “pelames” onde os peleiros curtiam as peles. Maria José Pimenta Ferro Tavares (no livro “Os Judeus em Portugal no séc. XV” (p. 75), regista uma comuna judaica. Sem qualquer sentido histórico, tudo o que é velho, é atribuído aos mouros e nos locais de interesse arqueológico existem tesouros, mouras encantadas e sinos em ouro, teares que só se veem na manhã de S. João, etc. A crença das mouras encantadas é um vestígio do culto pagão que deificava as águas das fontes, fazendo-lhes sacrifícios e ofertando-lhes flores. A lenda dá continuidade à realidade histórica.



De Soto 1946

A primeira recordação forte ligada ao Azinhoso relacionava-se com o Zeca, o primo médico que nos ia buscar ao comboio no Pocinho, depois de mais uma inesquecível viagem de comboio desde Campanhã. Guiava um imponente DeSoto 4 portas, bege (matrícula AL-13-31), herdado do pai, rico latifundiário, e que se comprazia a fazer chiar na perigosa estrada sinuosa, com centenas de curvas e contracurvas. Estava sempre um calor de morrer. O meu pai temeroso, agarrado à alça lateral, a pedir para não ir depressa. O carro era um monstro pesadão. Assustava guiar na estrada cheia de precipícios, sem guardas de proteção, só um murete de 40 cm. Até Torre de Moncorvo era um susto, depois mais plana (no planalto de Terras de Miranda, continuação da Meseta) até Carviçais, Lagoaça, aldeia de Castelo Branco até ao Mogadouro e Azinhoso. Eram 75 km em menos de hora e meia, um recorde para a estrada que os táxis percorriam em mais de duas horas. Foi aí que ganhei o gosto pela condução em estradas de montanha.

A garagem do Azinhoso distava 100 m. da casa. Era uma delícia incomensurável ir lá ver o carro, estacionado ao lado da velha caleche de cavalos que a tia-avó utilizara, anos antes. Sentava-me, a ouvir o rádio e a manejar os botões e alavancas sem chegar aos pedais. Fiquei triste, quando depois se desfizeram do carro saído dum filme do Al Capone ou dos “Intocáveis”. Tinha um estribo para as pessoas subirem, as portas de trás abriam ao contrário, e consumia mais de 30 litros aos 100 km.

Quando estávamos no Azinhoso (anterior à fundação do condado Portucalense recebeu foral de D. Afonso II em 1272) além do chiar dos rodados dos carros de bois da lavoura, que nos acordava bem cedo todas as manhãs, lembro tantas coisas que é difícil coordenar pensamentos. Férias que não esquecerei, na ancestral aldeia de pergaminhos, que já fora vila. A tia-avó, Francisca Alzira Magalhães, dona de olivais sem conta, viúva dum dos maiores proprietários da região (apelido apropriadamente Oliveira) tinha casado a filha mais velha com um filho do outro maior proprietário da região, herdeiro da família Pimentel. Esse genro foi presidente da Câmara de Mogadouro, exerceu advocacia e notariado, deputado da

Assembleia Nacional até ao 25 de abril e depois voltou a ser Presidente da Câmara numa manifestação de trânsito da ditadura para a democracia sem perder o estatuto. Os Pimentéis, além da casa no Azinhoso, paredes meias com a da minha tia, tinham o solar de família na aldeia de Castelo Branco a 11 km de Mogadouro (em ruínas à espera de restauro como Hotel de luxo, tem apenas a fachada). O outro genro era da ancestral família Castro, também do Azinhoso, de longa linhagem e religiosidade.

A casa rústica (antes de a modernizarem e ficar feia) era rica e apetrechada com todas as comodidades modernas daquela era, desde água encanada a eletricidade, coisa que não se via em qualquer outra aldeia nos anos de 1950. Tinha uma varanda cheia de trepadeiras e bancos de jardim, depois entrava-se num enorme salão, bem fresco, com dois pequenos escritórios. No da frente um magnífico gramofone com discos de 33 rpm do começo do séc. XX fazia as minhas delícias enquanto ouvia sons desconhecidos dos anos 20. A seguir uma pequena sala de jantar informal, escadas para o andar de cima. Ao lado um salão formal com antecâmara (a sala do cofre-forte). Em frente, a enorme cozinha com escano, seguida da cozinha velha de igual tamanho apenas usada para grandes cozinhados em dias de festa. Ao lado da cozinha nova, uma casa de banho com banheira e água canalizada (a canalização municipal chegaria depois de 1974), dois quartos principais e a sala de jantar formal pequena, com janela para a igreja, seguidos de mais três quartos (um deles enorme e dois interiores) onde cabiam oito camas.

No andar de cima, a varanda envidraçada para a igreja, quartos com ligação às escadas para outra entrada da frente e as traseiras. Estes quartos enchiam na época da caça. Atrás, um pátio enorme onde nos sentávamos nas tardes frescas e noites, sob a sombra protetora da figueira favorita da minha mãe, com a casinha para o gerador elétrico (a eletricidade só viria depois do 25 de abril) e em cima uma varanda com vista para o Tournal. No pátio havia dois fornos de cozer pão e folares e a entrada para a cozinha velha. Ao cimo, ao lado do portão, cortes e cavalariças com burros, cavalos, um macho ou mula, aos quais gostava de dar de comer. Durante o dia alguém pegava num burro ou mula pela arreata e lá ia eu, a dar os primeiros passos a cavalo. As cavalariças davam para o terreiro (o Tournal) das feiras (a feira anual dos burros foi reativada em 2004).



Azinhoso



a minha mãe e tia, as primas, tias-avós



Chrys 1959 azinhoso (2)

Havia a presença inexplicável em casa, do Sr. Padre Manuel (desde 1950, faleceu ao virar do séc. XX) de paciência inacreditável. Consta que eu o massacrava com beliscões irritantes, logo aos dois anos. Mais tarde, na adolescência, tive discussões filosóficas quando tinha muitas dúvidas sobre pontos fulcrais da igreja católica. Nunca entendi porque é que nas estadias no Azinhoso, o padre Manuel estava sempre presente nos jantares e almoços em casa da tia-avó.

Toda a aldeia tinha hábitos e costumes diferentes, as caras eram diferentes (mais judias? interrogar-me-ia anos mais tarde). A casa ficava paredes meias com a casa dos Pimentel, do genro, representando os mais ricos proprietários, latifundiários numa região de minifúndios. Havia uma ligação subconsciente importante, fora lá que a mãe dera aulas antes de eu nascer. Curiosamente, ficara colocada para dar aulas no Azinhoso (lecionou dois ou três anos até casar em 1948), após ter trabalhado uns 2 ou 3 anos nas Caixas de Previdência na R. Visconde de Setúbal, Porto. A escola do Azinhoso, tinha duas (ou 4?) salas de aula, 4 janelas, três ou quatro degraus na entrada, logo em frente à saída das traseiras da casa da tia-avó. No meio do largo do Tournal, cortado a meio pela pequena escola.

Nas férias, íamos às pequenas quintas que a tia-avó tinha dispersas nas redondezas. Dessas idas recordo sempre o aviso para não comer melancias quentes por causa da digestão. O sol era abrasador e todos usávamos chapéu, nas tardes a apanhar fruta e a petiscar na sombra duma árvore, antes de aproveitar a frescura ao fim da tarde no enorme pátio de casa, sob a copa da frondosa e centenária figueira que fazia as delícias da mãe, adepta deste fruto. O Azinhoso da minha juventude, tinha a venda (loja), a cem metros de casa, do lado direito no começo da descida da Rua Direita, onde funcionava o posto telefónico e correios. O dono, era meio-gago, o Henriquinho, casado com a Mariazinha (falecida em março 2006) e com duas filhas (Maria Adília e Maria Arminda) e recebia, as cartas de amor do meu pai. Como via um nome estrangeirado e gaguejava, acabava por bater à porta para dizer à minha mãe que chegara uma carta do senhor XRI... dado não conseguir ler o resto (Chrystello). Ainda hoje gozo e repito isto quando têm dificuldades em pronunciar o meu apelido, adulterado milhões de vezes: Chrysler, Christofle, Castelo, Crastelo, Perestrelou ou Costello consoante os países, digo-lhes sempre que é fácil: XRI.....

Seria ao Azinhoso, de que tanto gostava, que o pai se deslocava nas férias a cantar a canção do bandido à mãe?

Calculo a dificuldade em termos logísticos, partir do Porto de comboio, na linha do Douro, bem bonita mas lenta e perigosa, demorando um dia de viagem, fazer transbordo no Tua até à estação de Mogadouro (A linha do Sabor até Mogadouro funcionou entre 1933 e 1988, e de Mogadouro - Duas Igrejas - Miranda do Douro abriu em 1938). Dali, eram 6 km até à secular vila, então pequena aldeia perdida no meio do pó, esquecida das gentes, em terra de ninguém, sem carreiras de autocarros, Teria de contratar um carro de praça (táxi). Sem ter onde ficar no Azinhoso (na época os namoros eram com paus-de-cabeleira e à vista de todos) não podia ficar como hóspede na casa da família da noiva, e

contratar outro carro de praça (ou o mesmo?) para dormir na pensão (não havia hotéis no Mogadouro) e repetir a cena nos dias seguintes. Tarefa inimaginável hoje e incompreensível para a maioria. Eu a pensar que sabia a quem saí, nas mirabolantes andanças amorosas. Mas de facto, conjecturei mal: o pai nunca lá foi namorar, fazia-o no Porto, quando a mãe trabalhava na Federação das Caixas de Previdência antes de dar aulas no Azinhoso.

Quando tinha uns 13-15 anos comecei a aprender a conduzir o Volkswagen bege da prima Stela ao longo dos 6 km de estrada poeirenta EN-219 entre o Azinhoso e Mogadouro. A 200 m. do Mogadouro, antes do cruzamento para o Vale da Madre, cedia o volante para que a GNR (Guarda Nacional Republicana) não me apanhasse. Era raro passar outro carro, creio que em todo o Azinhoso nem meia dúzia havia: 2 em casa dos Magalhães Oliveira, 2 dos Pimentéis, 1 na dos Castro e pouco mais. A única vez na aprendizagem de condução, que me cruzei com outro veículo foi com um carro de praça, pois o trânsito local no início da década de 1960 era predominantemente de tração animal. A via estreita, estava igual em 2005, mas alargada e asfaltada. Dantes o perigo era do pó doutros carros e das curvas abauladas, em cascalho solto, que podiam levar o carro para fora da estrada. Havia dois ou três pedaços de reta em que o carro atingia a estonteante velocidade de 40 km/h, uma delas junto à capela da Sr.ª do Carrasco. Mas estava sempre atento às cabras, touros, ovelhas e outro gado que passeava pela estrada em locais sem muros. Uma das cenas mais marcantes de então foi entre 1962 e 64, quando fomos de jipe a Penas Roias, a 7 km do Azinhoso.

O castelo de Penas Roias é roqueiro, anterior à nacionalidade. Com D. Afonso Henriques era Fernão Mendes, o Braganção tenens da Terra de Bragança, em 1145, e o doou aos Templários. No lintel a cruz pátea templária: "Gualdim Pais, mestre geral dos Templários, mandou fazer o castelo de Pena Roia". A torre de menagem é de 1172. Têm relevância os torreões de planta circular, nos vértices, incomuns na arquitetura militar medieval (que optou por torres de planta quadrangular) mas ligados à realidade leonesa. Com D. Sancho I (1185-1211) empreendeu-se o repovoamento e passou a sede de Concelho. Posteriormente (Afonso III 1248-1279) a vila encontra-se referida nas Inquirições de 1258, Carta de Foral em 1272, renovado em 1273. Com a extinção da Ordem, D. Dinis transferiu-o para a Ordem de Cristo (1319). D. Manuel I (1495-1521) concedeu-lhe Foral Novo (1512). Foi dada aos Távoras. Teve muralha, por Duarte d'Armas no início do séc. XVI. Em 1758 estava em ruína, a torre alcantilada, quadrangular, de xisto quartzítico com argamassa. A estrutura frágil não permite acesso..



Castelo de Penas Roias (Mogadouro)

Penas Roias com pinturas rupestres (Fraga da Letra) pertenceu à Ordem dos Templários e depois entrou em declínio. No início de 1960 não havia estrada, mas um traçoeiro caminho de burros pelo fraguado, serra acima. Nem se sonhava com a barragem de Bastelos. Por isso entramos no jipe do primo médico, Zeca, com o primo Carlos Alberto Castro e o pai, ambos temerosos, que não eram para grandes aventuras, lá atravessamos a Ribeira de Bastelos, por entre montes e rochas despidas de vegetação se subiu o fraguado a pique nos socacos do velho castelo. Passou-se pela velha ponte romana entre Azinhoso e Penas Roias, monumento hoje completamente abandonado até chegar à "Fonte da Vila" interessante e de grande antiguidade com figuras antropomórficas, que também é vítima de desprezo como se comprova pelas silvas e arbustos que lhe crescem na cobertura. A certa altura o jipe aberto capotou e tivemos de saltar evitando ficar debaixo do Willys (como os da tropa). Lá o endireitamos e subimos mais 200 m. até ao castelo onde o senhor padre, numa habitação contígua ao mesmo, ofereceu da bem recheada arca em madeira, uns ricos chouriços com pão de centeio e vinho da região. Jamais esqueci esta aventura que me marcou para eu fazer viagens semelhantes para o resto da vida. O salpicão era mesmo bom e o chouriço... Em 2008 tive a oportunidade de contar esta mítica viagem histórica a um filho desse primo Zeca (que não via desde miúdo e aqui esteve colocado na PSP no Nordeste, Açores).



Ponte De Remondes 1982

2003

Recordo que o avô paterno (Júlio de Jesus Moraes Alves) era aficionado pelos piqueniques. Quando andávamos por ali jamais escapávamos a um, sob a ancestral Ponte de Remondes, a meio caminho de Mogadouro e Alfândega da Fé. A ponte, retirada da circulação pela Barragem do Baixo Sabor, esteve encerrada e em risco de cair em 2005. Embora a água não fosse muita e as sombras não abundassem, era o local favorito do avô (vá-se lá saber por quê!) malgrado estar a uma boa distância da Eucísia (quase duas horas de condução). Esta estrada é das piores com mais de 200 curvas e contracurvas, e manteve Mogadouro afastado do país. Quando lá passei (2002-05) parecia que o tempo tinha parado na memória juvenil. A estrada estava agora alcatroada, e o resto permanecia igual como na reprodução de um daguerreótipo. Hoje, há nova ponte e a via rápida mais abaixo no rio.

Numa férias fui pela primeira vez a Espanha (1966), com os pais, primos e mulheres. De Mogadouro fomos a Zamora, Salamanca e Ávila. Andamos rua abaixo rua acima, em busca dum Hostal que nos albergasse, mas estava tudo lotado. Por fim encontramos uma vaga, mas os adultos não queriam que eu visse, era uma albergaria à hora, daquelas de entrada e saída rápida de hóspedes noturnos com vestígios visíveis desse trânsito. Tivemos sorte quando tudo parecia correr mal e ficamos no luxuoso Parador Raimundo de Borgonha, na suíte presidencial, em virtude do primo Carlos Alberto ser secretário do ministro das Obras Públicas, Eng.º Arantes e Oliveira. Usou o passaporte diplomático e conseguiu vaga, pois o “Parador” estava cheio. Telefonaram para Madrid a pedir autorização para ceder a suíte e certificarem-se de que ninguém importante pretendia lá dormir. A minha mãe e primas nunca souberam o que se passara na residencial, mas regalaram-se com a estadia na suíte do ditador Franco. Dormi que nem um rei. No dia seguinte, em dois carros (Fiat 1500 e Taunus 17M) o Carlos Alberto ao fazer uma ultrapassagem numa reta com risco contínuo, foi parado pela Guardia Civil e nem o passaporte diplomático evitou pesada multa. Vi o enorme El Escorial em Guadarama, 50 km NW de Madrid (construído por Felipe II (1563-84) palácio, mosteiro e biblioteca, 9 torres, 9 órgãos, 16 pátios, 73 estátuas, 86 escadarias, 88 fontes, 300 celas, 1200 janelas, 1600 quadros, 2673 portas, em honra de S. Lourenço pela derrota contra o exército francês 1557. Aqui jazem Reis, 500 anos de Habsburgo e Bourbon, Imperador Carlos V, Filipe II, III, IV, Carlos II, III, IV, Luís I, Fernando VII, Isabel II, Afonso XII, Afonso XIII). Além da majestosidade das Puertas del Sol e do Museu do Prado, o Valle de los Caídos que o ditador construiu em memória da Guerra Civil. Voltei em 2004, e recordava as lajes de cimento no pavimento e a subida íngreme, até à nave, apesar de terem passado mais de quarenta anos.

A viagem sem mais incidentes até Madrid onde as senhoras se deleitaram nos Preciados e El Corte Inglés. Eu embasbacado. As jovens funcionárias de balcão (preciosas!), encantadoras, sorridentes, mais maquilhadas que as congéneres portuguesas. Estava deliciado e queria mudar-me para ali e estar perto das atraentes jovens. Um passeio que me encheu de História, e da perceção que os dois países sob ditadura, não tinham nada a ver um com o outro. Eram diferentes. Comunicávamos em castelhano (não compreendem português) mas tinham atitudes distintas das portuguesas. Só vim a conhecer Lisboa depois, adorei Madrid, Ávila, Salamanca. Estradas melhores, gentes mais simpáticas, divertidas, nada sorumbáticas, a maneira de viver mais aberta e franca. Comparados aos portugueses pouco havia em comum, e as espanholitas muy salerosas.